

Proposta para o Milênio

A entrevista que o presidente Fernando Henrique concedeu à revista *Veja* despreza o varejo político e expõe, pela primeira vez, o conceito que alicerça o seu governo.

O sociólogo explica o presidente diante das mutações vertiginosas, nem sempre percebidas pelos que se deixam iludir pelo erro de julgamento dos que negam os avanços. No entanto, estão no trem em movimento. O Brasil está em movimento há tempos – a novidade é que a força que o impulsiona está agora na sociedade, não no Estado.

O mundo no qual se verificam essas mudanças é novo. A metáfora da ferrovia não descreve o mundo da infovia. O mundo globalizado da integração planetária do sistema produtivo, comercial e financeiro graças à revolução das telecomunicações, que permitem decisões estratégicas em escala planetária e em tempo real.

Essa transformação, segundo Fernando Henrique, tão forte como a que assinalou o Renascimento e a descoberta do Novo Mundo, provocou o aparecimento de unidades de produção que funcionam em nível mundial e do fluxo de capitais flutuantes sobre o qual nenhum governo ou Banco Central tem controle.

O Brasil não deve, porém, assimilar angústias que não lhe pertencem. O traumatizante desmonte do *welfare state* não se confunde com a reestruturação do estado brasileiro, corporativo e patrimonialista. O Estado brasileiro precisa, ao contrário, tornar-se forte na luta contra a doença, a pobreza, a falta de educação.

O desemprego é de outra ordem. Nossa estrutura social é mais americana do que européia, no espaço físico, na mobilidade geográfica e profissional. O trabalho informal é o setor onde a renda mais cresceu, mas o que permite absorver o desemprego tem consequências fiscais negativas, com reflexos na previdência e no financiamento do bem-estar.

Daí a necessidade de ações corretivas, como o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). Programas que tentam impedir a coexistência de dois brasis, o competitivo que se internacionaliza e o que fica à margem.

O presidente acredita que ilusões de ótica ou a má-fé impedem que se veja que a exclusão social está diminuindo no Brasil, num ritmo que a demagogia oposicionista ou a culpa histórica tendem a camuflar. A estabilização fez com que de 8 a 13 milhões de pessoas saíssem da linha da pobreza, a frequência à escola está aumentando, a construção civil está ressurgindo.

A vida 60 anos atrás não era melhor, só

porque os descamisados não haviam invadido as cidades. E, se a exclusão tornou-se bandeira política, foi porque começou a ser enfrentada, substituindo o conformismo.

O problema da social-democracia renovada consiste em ampliar ao máximo a “universalização dos serviços e políticas públicas”, sem cair na linguagem da corporação e da burocracia estatal, uma linguagem contrária à da sociedade civil.

O desafio do novo tempo é ampliar a democracia dentro dos novos parâmetros. Radicalizar a democracia, com liberdade, dinamismo, responsabilidade individual. Tornar o Estado maleável, inserido no mundo e cuidando do meio ambiente. Uma das maiores carências do Brasil, no momento, é a debilidade de uma oposição derrotista, conservadora e retrógrada que ataca a mudança e recusa o espaço à argumentação.

Em sua visão fundamentalista, o PT acha que os que não estão com ele, estão contra ele e contra o país. Visão pessimista no cotidiano e apenas otimista em seu milenarismo ingênuo. Segundo Fernando Henrique, o PT deveria mudar, seguindo o exemplo de partidos da esquerda européia, como o Trabalhista inglês, o PSOE espanhol e a esquerda italiana liderada pelo realista Prodi.

O presidente reafirmou a recusa do mito da burocracia estatal iluminada, da organização da produção sob controle estatal, da apropriação privada do espaço público, da resistência em transformar um Estado historicamente falido que gasta o que arrecada com pessoal, da esquerda que morde sua própria cauda e não deixa o Estado com as mãos livres para cumprir as suas obrigações. Se há setores da classe média que ainda cedem à mitologia de opositores tão sistemáticos é porque esta é a classe mais fragilizada pela perda de *status* relativo.

Fernando Henrique lembra que nos 175 anos de vida independente do país, apenas o Japão mudou e cresceu tanto quanto o Brasil. Mas em termos de integração social estamos ainda longe do desejável. A dívida social está aí. A solidariedade e a esquerda – a que almeja a mudança – se tornam assim indispensáveis. É preciso inventar o novo humanismo, diz ele. Há muita coisa a ser reivindicada como valor de progresso.

“O mundo da globalização é ao mesmo tempo essa confissão de dinheiro internacional, da homogeneização da produção, da fragmentação – e um mundo que coloca de novo a humanidade como sujeito, porque traz à tona questões que afetam a todos”, diz. Essa é a mensagem de um presidente que apresenta a sua proposta para o novo milênio.